

# O MUNDO DE DOSTOIEWSKI

*A Nação – 10 de novembro de 1935, L1/45.*

*Publicado no: Diário da Tarde – 31 de agosto de 1935, sob o título O mundo visto por Dostoiewski*

*O Dia – 23 de novembro de 1935, L1/46, sob o mesmo título (textos integrais).*

Quem analisar bem as obras de Fedor Dostoiewski poderá ver que o escritor nervoso de “Crime e Castigo”, ao contrário dos Poes, dos Hoffmanns, dos Rousseaus e dos Voltaires, procurava a cor da realidade com que pintar fielmente os seus quadros cheios de vida e movimento intenso.

Fugia das mistificações do sr. Hoffmann, corria das fantasias do sr. Edgar Poe, ria dos exageros voltaireanos e embasbacava-se ante a audácia incontida do sr. Rousseau, o caricaturista fraco de um mundo que mal conheceu.

Em resumo: Dostoiewski foi dos únicos artistas que não isolou o homem do mundo, que soube conservá-lo tal qual ele é, cheio de infortúnios, e vivendo uma vida tão profunda quanto a do próprio autor. O homem como fator da existência da humanidade. Como elemento imprescindível de vitalidade criadora. Como elemento de luta, de energia, de dinamismo. Como elemento real. Como elemento transfigurador de renovação. Como expressão do próprio cosmos. Como ponto destacado de convergência.

A grande tragédia, porém, dos personagens das obras de Dostoiewski está na atitude resoluta de combate assumida em face da vida. Eles querem viver e de qualquer forma vivem. Como anarquistas. Como assassinos. Como ladrões. Como

criminosos de toda a espécie. Como idealistas políticos. Como mártires de um ideal de grandeza perene.

O que eles, na verdade, temem, é o determinismo natural que os impele, que os obriga a agir contrário à vontade social. São figuras místicas. Acabrunhadoras. Carregando sobre as costas o peso morto de uma sorte cruel. Figuras da fatalidade. Figuras presas às mãos fortes do destino, porque, para Dostoiowski (não só para Dostoiowski), existem três espécies diferentes de homens: 1) os que têm o destino nas mãos e traçam serenamente o roteiro do futuro; 2) os que passam ingênuos e despercebidos longe do bulício do mundo; 3) os que dependem do destino, os que são joguete à mercê de uma força mais poderosa.

Neste ponto, os personagens de Dostoiowski demonstram possuir consciência metafísica do universal. Em confronto com outros escritores de seu tempo, realizou uma obra de síntese social tão grande, só comparável às obras dos maiores pensadores da humanidade. Ele avançou em arte. Fez-se precursor. Abriu caminhos. E deslumbrou-se, inquieto, ante os novos horizontes que divisava, resignando-se humilde ante o sofrimento dos povos, porque “Cristo sofreu e ordenou que nós também sofrêssemos”.

Dostoiowski pertence a essa terceira categoria de homens estraçalhados pelo destino. Tem-se a impressão de que ele criava para reagir e que também ele sabia amar como poucos a desgraça que o consumia e o fazia um revoltado amante da dor e da miséria. Dostoiowski adorava o destino que o perseguia. Escravizado a vida inteira a uma existência amargurada, ele nunca teve palavras de rancor contra ela, enfrentando a cada instante a morte. Era a fatalidade, o determinismo natural que o transformara em intérprete das humilhações, das provações e das perseguições, quicá do aniquilamento moral da humanidade. Dostoiowski foi uma aurora. Uma aurora sangrenta após uma noite secular de paixões criminosas onde se sacrificava friamente a civilização à barbárie. Por isso ele nunca pôde esquecer a Rússia. Não esqueceu a Rússia porque lá o povo, a raça toda, espiava com indizível renúncia, anunciando o surgimento de melhores tempos com uma nova era, os erros e as faltas de todos os povos e de todas as raças.

Dostoiewski foi dos únicos a compreender (e compreender é tudo) a beleza do sofrimento, a beleza que encerra a tragédia de sofrer pelos outros, a tragédia que fecha o coração e o cérebro do comum dos homens e abre perspectivas grandiosas à inteligência do gênio, como Tolstoi, como o burguês Tolstoi, inimigo da burguesia, amava a destruição. Só o “formidável” existia para Tolstoi. Só o “real” existia para Dostoiewski. Tudo o mais era imposição do forte ao fraco. Subserviência. Irrisão. Deslocamento de valores.

O mundo de Dostoiewski! Como é cheio de trevas o caminho que nos leva a esse mundo! Antes de mais nada, sem o sentimento comovedor da realidade da desgraça e da miséria, as duas fontes maiores da arte do Dostoiewski, não chegaremos nunca ao mundo que habitava o genial torturado de “Humilhados e Ofendidos”.

A terra só não lhe bastava. O homem só de nada lhe adiantava. Ele queria viver no mundo transcendental de Deus e parar no conhecimento final da vida, no “porque” da existência, nas leis supremas da casualidade universal. E, para tanto, precisava crer. Só a fé adivinharia as maravilhas da força cósmica, penetraria o mistério da fatalidade, só a fé seria capaz de levá-lo vitorioso à conquista da liberdade integral em Deus, seria capaz de levá-lo ao Deus, princípio e fim, causa e efeito, ao Deus síntese do amor e da felicidade, harmonia do universo. Quantos não terão procurado irritantemente atingir o princípio da verdade e quantos não terão procurado em Deus o enigma do destino! Poucos, no entanto, como Dostoiewski, chegaram a conhecer a realidade da desgraça e da miséria, a realidade do amor e da felicidade, ponto de interseção entre o mundo do homem e o mundo de Deus! O mundo de Dostoiewski, o mundo intermediário entre o finito e o infinito, o mundo aspirado dos que se elevam pela fé.